

VI JORNADA DE
ESTUDOS
CLÁSSICOS
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

CADERNO DE RESUMOS

L·U·D·U·S
POESIA · ESPORTE · EDUCAÇÃO



P · R · O · G · R · A · M · A · Ç · Ã · O

08 DE JUNHO DE 2017

18h – 19h Credenciamento (Auditório do CCHN, IC2);

19h – 20h30 Conferências de abertura (Auditório do CCHN, IC2);

- *Signo e som nos anagramas de Saussure: jogos fônicos na poesia latina*
Profa. Dra. Charlene Martins Miotti (UFJF)
- *Traduzindo a poesia clássica latina*
Prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho (Ufes)

09 DE JUNHO DE 2017

9h30h – 11h30 Mesas de comunicações coordenadas;

Mesa 01 (Sala 102, prédio Wallace Viana)

- *O jogo da reescrita do mito: as duas versões do ‘Hipólito’ de Eurípides*
Prof. Dr. Fernando Crespim Zorrer da Silva (Ufes)
- *Construção da imagem do atleta como recurso metafórico em textos da Antiguidade*
Me. Zilda Andrade Lourenço dos Santos (Doutoranda/Ufes)
- *A Teo(cosmo)gonia de Hesíodo: poesia, mito e filosofia*
Me. Marcel Bussular Martinuzzo (Doutorando/Ufes)
- *A educação sob a ótica de Sêneca (4 a.C. - 65): um outro lugar para a retórica e a filosofia*
Me. Ana Gláucia Oliveira Motta (SEDU)

Mesa 02. (Sala 207, prédio Wallace Viana)

- *Teatro e educação na Antiguidade Tardia: Uma breve reflexão sobre a oração Uma resposta a Aristides, em defesa dos dançarinos de pantomima, de Libânio de Antioquia*
Profa. Dra. Érica Cristhyane Morais da Silva (Ufes)

- *Damnatio ad Bestias nos anfiteatros norte-africanos: o mosaico da Villa de Zliten como representação da dicotomia cidade/hinterland na Tripolitânia Romana*
Prof. Dr. Belchior Monteiro Lima Neto (Ufes)
- *O ideal educacional do imperador juliano: o edito aos professores cristãos (362 d.C.)*
Helena Borin Peixoto de Rezende (Mestranda/Ufes)
- *Cultura, espaço e poder no Império Romano: a importância do teatro como atividade cultural na Antiguidade Tardia*
Agnes Soares Moschen (Mestranda/Ufes)

11h30 – 13h30 Almoço;

13h30 – 15h Mesas de comunicações coordenadas;

Mesa 03. (Sala 102, prédio Wallace Viana)

- *Tenerorum lusor amorum Naso poeta: Ovídio e a erotização da tradição literária nas Heroides e nos Tristia*
Me. Júlia Batista Castilho de Avellar (Doutoranda/UFMG)
- *Entre o choro e o riso, Cupido: reflexões sobre a elegia e a comédia nos Amores de Ovídio*
Me. Guilherme Horst Duque (Doutorando/Unicamp)
- *Marcial 3.82 e 3.83: dois epigramas e um jogo metapoético*
Diogo Moraes Leite (Mestrando/Usp)

Mesa 04. (Sala 207, prédio Wallace Viana)

- *Imitação e exercício nas Epistulae Ad Caesarem*
Prof. Dr. Gilson Charles dos Santos (UnB)
- *O ideal de uir bonus a partir do jogo retórico entre os oradores e os imperadores romanos*
Prof. Dr. Thiago Brandão Zardini (Faculdade Saberes)
- *Representação retórica dos Ludi Floralia na De Civitate Dei de Agostinho (412-426)*
Bruno Soares Lima (Mestrando/Ufes)

15h – 15h30 Coffee Break

15h30 – 17h Mesas de comunicações coordenadas;

Mesa 05. (Sala 102, prédio Wallace Viana)

- *Horácio e os jogos de poder na Epístola 1.18*
Me. Camilla Ferreira Paulino da Silva (Doutoranda/Ufes)
- *Carta aos “Bois-do-Lácio”: jogo metapoético na Epístola 1.11, de Horácio*
Me. Bruno Francisco dos Santos Maciel (Doutorando/UFMG)
- *Ludus e metapoesia nas Bucólicas de Virgílio e Calpúrnio Sículo*
Luana Santana Lins Cerqueira (Mestranda/UFMG)

Mesa 06. (Sala 207, prédio Wallace Viana)

- *Os jogos fúnebres na Antiguidade: o intertexto entres os cantos XXIII da Ilíada de Homero e VI da Tebaida de Estácio*
Profa. Dra. Ana Penha Gabrecht (Ufes)
- *Os loci esportivos e bélicos a serviço da geopolítica na épica flaviana do primeiro século (81-96)*
Me. Natan Henrique Taveira Baptista (Doutorando/Ufes)
- *Alcínoo versus Odisseu na corte dos Feácios: um jogo discursivo*
Rafael de Almeida Semêdo (Mestrando/Usp)

17h – 18h Intervalo

18h – 20h Conferências de encerramento (Auditório, IC2);

- *Dimensões lúdicas na Ars amatoria de Ovídio: espetáculos, divertimentos e performances galantes*
Prof. Dr. Matheus Trevizam (UFMG)
- *Como ser um governante impopular: a relação de Tibério César Augusto com os Ludi Romani durante o seu Principado*
Prof. Dr. Rafael da Costa Campos (Unipampa)

R · E · S · U · M · O · S

Agnes Soares Moschen, mestrado em andamento (Ufes)

Cultura, espaço e poder no Império Romano: a importância do teatro como atividade cultural na Antiguidade Tardia

Quando, no Império Romano, passa-se a construir teatros permanentes, seu caráter monumental torna-se inegável, pois agora se trata de um edifício público – na maioria das vezes, com fins propagandísticos – e, como tal, impacta diretamente na vida social urbana, uma vez que, além de os espetáculos retratarem a comunidade na qual estavam inseridos, os *ludi scaenici* constituíram um meio para transmissão de mitos e de valores morais, tornando-se parte do cotidiano da cidade e uma verdadeira expressão da *paideia*. O teatro, como emblema da cultura clássica, também se tornou parte da política imperial de romanização dos novos territórios conquistados, sendo a uniformização do modelo arquitetônico uma forma de identificação das províncias com o estilo urbanístico de Roma. Na presente comunicação, buscaremos analisar a estrutura arquitetônica do teatro romano e sua localização dentro da cidade, como um monumento da cultura clássica, a fim de que possamos refletir sobre a importância sociopolítica deste espaço de representação (Império Romano; Antiguidade Tardia; teatro).

Ana Gláucia Oliveira Motta, mestrado (SEDU)

A educação sob a ótica de Sêneca (4 a.C. - 65): um outro lugar para a retórica e a filosofia

A presente comunicação, fruto de uma pesquisa exploratória, tem por objetivo ponderar o *ludus* enquanto lugar da educação formal, e a própria educação neste contexto, partindo das proposições de Sêneca (4 a.C – 65). Este pensador, diferentemente de outros pensadores gregos e romanos, como Cícero (106 – 43 a.C.) ou ainda Quintiliano (35 d.C – 95), priorizava a formação moral por meio da filosofia enquanto modelo de orientação para o bem-estar, dando menos destaque, assim, para a retórica. Para tanto, utilizamos como fonte principal as obras de Sêneca – *A vida feliz*, *A brevidade da vida*, *A tranquilidade da alma* e *A vida Retirada* –

realizando também uma revisão bibliográfica de textos desenvolvidos na área de História Cultural e História da Educação. Inicialmente, serão descritos os conceitos relacionados ao tema, seguindo-se a apresentação dos pontos relevantes da revisão bibliográfica e da análise das fontes. Finalmente, mostrar-se-ão as conclusões e os resultados prévios pertinentes à pesquisa diante do tema delimitado, destacando-se as especificidades e as contribuições do pensamento de Sêneca para o cenário educacional na Antiguidade (Sêneca; educação; filosofia).

Ana Penha Gabrecht, doutorado (Ufes)

Os jogos fúnebres na Antiguidade: o intertexto entres os cantos XXIII da Ilíada de Homero e VI da Tebaida de Estácio

Ao longo da existência humana, todas as sociedades, de diferentes maneiras, criaram práticas e ritos para marcar a finitude da vida. Esses rituais visam amenizar o impacto causado pelo desaparecimento de determinado indivíduo em uma comunidade. O épico homérico nos mostra uma sociedade marcada pelo crivo de uma moral heroica que enaltece valores da aristocracia guerreira, tais como: o gosto pela guerra, valorização da morte em campo batalha, o culto à beleza e juventude que devem ser perpetuadas na memória após o perecimento do herói. Esses temas serão retomados mais tarde, no século I da nossa era, pelo poeta romano Estácio que, embora viva em uma época com uma moralidade diferente, resgata os ideais aristocráticos helênicos ao construir sua *Tebaida*, poema épico sobre a disputa entre os filhos de Édipo pelo trono de Tebas. Para essa comunicação, analisaremos o intertexto entre o texto grego e o romano, no que se refere aos jogos em honra aos mortos. Na *Ilíada*, o canto XXIII é dedicado aos jogos fúnebres consagrados a Pátroclo, guerreiro grego que tombou durante a guerra de Troia. Na *Tebaida*, os jogos são em honra ao jovem Ofeltes, morto por uma serpente (poesia épica; jogos fúnebres; intertextualidade).

Belchior Monteiro Lima Neto, doutorado (Ufes)

Damnatio ad Bestias nos anfiteatros norte-africanos: o mosaico da Villa de Zliten como representação da dicotomia cidade/hinterland na Tripolitânia Romana

A intenção da comunicação é interrogar acerca da representação de indivíduos provenientes de tribos autóctones norte-africanas no denominado *Mosaico dos Gladiadores*, presente na *Villa de Zliten*, na região conhecida na Antiguidade como Tripolitânia. Tal mosaico retrata, em suas bordas, o desenrolar dos espetáculos no anfiteatro, com a apresentação de uma série de eventos, tais como jogos de gladiadores, caçadas de animais selvagens e a *damnatio ad bestias*, isto é, a exposição às feras de indivíduos condenados pela ordem romana. No caso ora analisado, relaciona-se a *damnatio ad bestias* com o próprio contexto histórico existente na África romana, marcado pela dicotomia entre uma região romanizada e caracterizada pela vida urbana e um *hinterland* habitado por diversos povos autóctones seminômades (África romana; *Villa de Zliten*; tribos seminômades).

Bruno Francisco dos Santos Maciel, doutorado em andamento (UFMG)

Carta aos “Bois-do-Lácio”: jogo metapoético na Epístola 1.11, de Horácio

Na *Ep.* 1.11, Horácio, em claro tom didascálico, faz a Bulácio, que havia viajado à Grécia, um derramado elogio do Lácio. O poeta, embora reconheça a beleza das terras helênicas, mostra ao amigo que viagens, por si sós, não garantem o filosoficamente desejado sossego na alma. Um detalhe, contudo, parece algo relevante. O destinatário nos é completamente obscuro: ou Bulácio é, de fato, um personagem histórico para nós desconhecido, ou talvez seja um mero “jogo de palavras” (*bos* “boi” + *Latium* “Lácio” > *Bullatium*), ou ambas as coisas. A partir dessa hipótese, que abre a possibilidade de leituras em duas camadas, pretendemos, propondo uma abordagem metapoética, investigar o quanto se pode pensar na construção de um jogo intra- e metatextual nessa carta-poema. Especialmente com base na “agressiva” apóstrofe dirigida a escritores latinos, chamados por Horácio de “imitadores, gado servil” (*imitatores, seruum pecus*, *Ep.* 1.19.19) e ainda na insinuada condenação da figura do *imitator* (*AP*, 134), buscamos analisar como a carta a Bulácio (metonimicamente os escritores latinos) engendra em si e em relação a outras epístolas horacianas um *ludus* metaliterário, levanta questões sobre as relações entre a poesia latina e a grega e suscita reflexões a respeito da chamada *imitativo* (Horácio; *Epístolas*; metaliteratura).

Bruno Soares Lima, mestrado em andamento (Ufes)

Representação retórica dos Ludi Floralia na De Civitate Dei de Agostinho (412-426)

O tema desta comunicação volta-se para análise da organização do discurso de Agostinho de Hipona, discurso esse entendido como uso dos gêneros retóricos na *De Civitate Dei* (A Cidade de Deus) com o objetivo de explicitar a representação dos *Ludi Floralia* no texto da *De Civitate Dei* através dos recursos retóricos presentes em seu texto. Esta comunicação favorece a seleção e a disposição das características dos *Ludi Floralia* no texto da obra dentro do propósito pretendido por Agostinho no texto (*Ludi floralia; De Civitate Dei; Agostinho de Hipona*).

Camilla Ferreira Paulino da Silva, doutorado em andamento (Ufes)

Horácio e os jogos de poder na Epístola 1.18

Nessa comunicação analisamos a Epístola 1.18 de Horácio, buscando relacionar os aconselhamentos do poeta em relação ao comportamento ideal esperado dentro da relação do patronato, especialmente sobre o fazer poético, com o contexto político do Principado de Augusto. Demonstraremos de que modo Horácio, em um jogo poético, descumpra o próprio conselho, para compor a cenografia do poema e justificar-se metapoeticamente (Principado; patronato; Horácio).

Charlene Martins Miotti, doutorado (UFJF)

Signo e som nos anagramas de Saussure: jogos fônicos na poesia latina

Entre 1906 e 1909, Ferdinand de Saussure, célebre pelo *Curso de Linguística Geral* (exposto entre 1907 e 1911), empreendeu uma pesquisa obsessiva sobre poesia grega e latina que resultou em mais de 140 cadernos (conservados na Biblioteca Pública de Genebra) dedicados à métrica védica, à poesia homérica, aos versos saturninos, a Virgílio, Lucrecio, Sêneca, Horácio, Ovídio, chegando até a poemas neolatinos do século XIX. Saussure, como dedicado filólogo que era, esquadrinha as teias fônicas de um sem número de versos à procura de palavras-chave ou frases ocultas que sustentem a hipótese de uma regularidade procedural subjacente à criação poética. Sem ter chegado a resultados conclusivos, sua pesquisa foi abandonada e permaneceu no ostracismo até 1964, quando Jean Starobinski publica o primeiro artigo sobre o assunto. Roman Jakobson, em 1966, em entrevista que concedeu a Jean Pierre Faye (publicada em *Le Récit hunique*, deste último), assim a define: “Trata-se de sua obra mais genial, que chegou a assustar até mesmo seus discípulos. Daí a tentativa destes

últimos de manter essa parte da obra saussuriana em segredo, tanto tempo quanto possível. Saussure, todavia, em carta a Meillet, dizia considerar esse trabalho como sendo sua obra-prima”. Nesta VI Jornada de Estudos Clássicos da Ufes, trataremos especificamente dos jogos fônicos nos primeiros versos do *De rerum natura* de Lucrecio, no poema VIII de Catulo e na *Eneida* de Virgílio, a fim de divulgar e discutir a obra que colocou o linguista genebrino entre a genialidade e a loucura.

Diogo Moraes Leite, mestrado em andamento (Usp)

Marcial 3.82 e 3.83: dois epigramas e um jogo metapoético

Marco Valério Marcial, epigramatista latino do século I de nossa era, em seus mais de mil e quinhentos epigramas, apresenta uma grande variedade de temas, muitas vezes apresentando uma crítica mordaz aos costumes de sua época. Em nossa pesquisa nos ocupamos dos epigramas que têm como temática o homoerotismo. A historiografia sobre sexualidade no mundo romano apresenta a relação sexual homem-mulher ou homem-homem em um contexto de legitimação de poder e dominação. Ao cidadão romano era permitido que mantivesse relações com escravos jovens desde que mantivesse papel ativo. Neste contexto as práticas sexuais passivas eram censuráveis, podendo figurar como vitupério. Dessas práticas sexuais, a mais baixa é a da *fellatio* – ato de excitar o pênis com a boca. Neste trabalho apresentaremos os epigramas 3.82 e 3.83, que trazem a *fellatio* como tópica de invectiva e têm uma interessante relação metapoética. Como aponta Cesila (2004), uma das características do gênero epigramático é a brevidade e Marcial, nesses dois epigramas, estabelece um jogo metapoético tendo essa característica como tema. No primeiro, de trinta e três versos, ataca Zoilo, um tipo novo rico e ostentador; no segundo, de apenas um dístico, se defende de Cordo, que lhe recomenda fazer epigramas breves (Marcial; epigramas; metapoesia).

Érica Cristhyane Morais da Silva, doutorado (Ufes)

Teatro e educação na Antiguidade Tardia: Uma breve reflexão sobre a oração Uma resposta à Aristides, em defesa dos dançarinos de pantomima, de Libânio de Antioquia

Uma resposta à Aristides, em defesa dos dançarinos de pantomima (Oração LXIV), de Libânio de Antioquia, é uma oração, escrita em 361 d.C., bastante conhecida e debatida entre os

historiadores. Se concebida diretamente relacionada ao governo de Juliano (361-363), a defesa dos dançarinos de pantomimas, de Libânio, pode ser compreendida como uma tentativa deste em intermediar a relação entre o imperador e os antioquenos, que eram vistos, negativamente, como ávidos amantes da arte teatral, aos olhos daquele imperador. Se, por outro lado, compreendermos que esta oração se insere em uma tensão entre passado e presente, como sugere Johannes Haulbold e Richard Miles (2004), um novo debate pode emergir dessa possibilidade. Libânio é um conhecido defensor de formas “tradicionais” de ensino greco-romano. E, no século IV, observa-se um investimento significativo, por parte de várias cortes imperiais, em novas formas de ensino, no qual emergem as escolas de Direito as quais concorriam com as escolas de Retórica na formação da elite romana. Na presente comunicação, propomos compreender a Oração LXIV não mais restrita aos debates usuais que envolvem esta obra de Libânio, mas considerando-a no interior de uma visão ampliada e significativa embora pouco explorada: a da relação entre sistemas educacionais concorrentes – a Escola de Retórica e a Escola de Direito. Propondo inferir essa documentação a partir desta relação, buscamos elucidar a contribuição da pantomima na formação educacional conforme propõe Libânio considerando o contexto da defesa deste sofista em prol das Escolas de Retórica em detrimento ao do ensino de Direito e as novas propostas curriculares da Antiguidade Tardia (pantomima; educação; Libânio de Antioquia).

Fernando Crespim Zorrer da Silva, doutorado (Ufes)

O jogo da reescrita do mito: as duas versões do ‘Hipólito’ de Eurípides

O mito de Fedra e Hipólito recebeu diversas reescritas no mundo clássico. O dramaturgo Eurípides escreveu duas peças a respeito desse mito. Temos poucos versos da primeira peça ao passo que a segunda foi preservada quase integralmente. Há registros nos quais se comenta que a primeira peça teria provocado escândalos pela forma como Fedra revelou diretamente o seu desejo a Hipólito. A crítica especializada, até o momento, não refletiu sobre a possibilidade da releitura da segunda peça não ser somente uma resposta pelo mal recebimento da primeira versão. A questão a ser desenvolvida, aqui, é se não faz parte deste processo de tal reescrita o jogo literário; os próprios especialistas examinam essas tragédias na busca de se tal passagem realmente é uma novidade ou é uma repostagem em um jogo de procura e acha. Eurípides é conhecido pela sua ousadia ao construir as suas tragédias, pois

altera os mitos, faz enredos das tragédias de modo inusitado, incorpora outras personagens não tão conhecidas. É oportuno repensar tal questão dentro das possibilidades da arte literária e de acordo com a própria capacidade do autor em modificar, instaurar e propagar novas ideias no teatro ao fazer também o jogo literário (Eurípides; Fedra; Hipólito).

Gilson Charles dos Santos, doutorado (UnB)

Imitação e exercício nas Epistulae Ad Caesarem

Tanto a *Retórica a Herênio* (*Her. I 3*) quanto Cícero e Quintiliano estabelecem as relações entre *imitação* e *exercício* oratórios: Cícero reconhece que é por meio do exercício que se tira proveito da imitação (*De Or. II 22, 90*) e Quintiliano, elegendo-a parte essencial da arte (*Inst. Or. X 2, 1*), propõe a imitação como integrante já dos primeiros exercícios de formação do orador (*Inst. Or. II 4, 41; X 1, 3*). Entre os vários modelos para imitação, Quintiliano sugere especialmente oradores e historiadores (*Inst. Or. II 5, 25-6*). Como resultado disso, a escolha do modelo produz a riqueza de temas e de palavras e, havendo nobreza (*honestas*) nos temas tratados, da matéria (*res*) nasce o brilho da expressão (*uerba*). Na análise da *res* e dos *uerba* das *Epistulae ad Caesarem*, esta comunicação pretende estabelecer os critérios de imitação de Salústio nesses documentos, além de propor a sua classificação, a despeito mesmo do termo *epistulae* que lhes define o gênero, como um dos exercícios de formação do orador (*praexercitamina*) (imitação; retórica; Salústio).

Guilherme Horst Duque, doutorado em andamento (Unicamp)

Entre o choro e o riso, Cupido: reflexões sobre a elegia e a comédia nos Amores de Ovídio

O presente trabalho, através do cotejo de algumas passagens de elegias contidas nos *Amores* de Ovídio com trechos de peças de Plauto, busca estudar a presença da comédia na elegia erótica romana, retomando um debate antigo, que nos anos recentes tem recebido pouca atenção dos críticos (cf. e.g. YARDLEY, 1972; DAVIS, 1979), da relação entre estes dois gêneros. Assim, fazendo um breve histórico das reflexões de filólogos como Friedrich Leo (1900) sobre o tema, mostramos alguns pontos de contato entre as duas tradições poéticas. No momento, interessa-nos observar sobretudo o modo como Ovídio joga com elementos do teatro em seus poemas, e como há indícios de que se trate de uma retomada estratégica da tradição cômica

a que sua elegia alude. Se o interesse que o tema suscitou nos estudos anteriores se encontrava sobretudo inscrito nas questões relativas às origens do gênero elegíaco, nosso enfoque será, ao contrário, nos efeitos que a presença do teatro traz ao texto ovidiano (comédia; Ovídio; Amores).

Helena Borin Peixoto de Rezende, mestrado em andamento (Ufes)

O ideal educacional do imperador juliano: o edito aos professores cristãos (362 d.C.)

O edito de Juliano (Augusto de 361 a 363 d.C.) escrito em Antioquia em 362 d.C. é recorrentemente utilizado na historiografia tradicional para perpetuar uma imagem de perseguição aos cristãos durante o governo do imperador, já que a lei instaurada proíbe que professores de retórica cristãos utilizem textos pagãos para ensinar seus alunos – textos que eram a base da *Paideia* greco-romana e, portanto, indispensáveis para uma educação efetiva. No entanto, tendo em vista a concepção juliana de *Paideia* expressa por Margarida Maria de Carvalho (2010) em que a *Paideia*, para o imperador, seria atingir a *episteme*, utilizar o edito como apenas uma evidência do suposto conflito ideológico pagano-cristão do século IV é reduzi-lo. Nesta comunicação, será feita a análise do edito aos professores cristãos como parte de uma ampla série de reformas instituídas por Juliano, levando em conta não só o ambiente político-cultural do século IV mas também a visão de mundo neoplatônica de Juliano sobre a educação (Antiguidade Tardia; imperador Juliano; educação).

Júlia Batista Castilho de Avellar, doutorado em andamento (UFMG)

Tenerorum lusor amorum Naso poeta: Ovídio e a erotização da tradição literária nas Heroides e nos Tristia

Este trabalho investiga o *ludus* poético ovidiano de retomada da tradição literária greco-romana nas *Heroides* e nos *Tristia*, destacando como Ovídio empreende uma jocosa erotização da tradição. Em *Tristia* II, elegia endereçada ao imperador Augusto, Nasão (eu-poético homônimo do autor) defende a inocência de seus versos amorosos, supostamente causadores de seu banimento, ao demonstrar que toda poesia anterior, inclusive a dos poetas épicos e trágicos, pode ser lida em chave amorosa. Assim, ele efetua uma releitura da história literária e a remodela sob um viés erótico fortemente irônico, identificando o amor como assunto

principal de textos como *Ilíada*, *Odisseia* e *Eneida*. Porém, mesmo antes da poesia de exílio, Ovídio já havia posto em prática esse tipo de interpretação erótica da tradição, mediante a transposição de heroínas míticas épicas e trágicas para o âmbito da elegia amorosa, nas *Heroides*. Diante disso, analisaremos como Ovídio, nessas duas obras, ao retomar e erotizar a tradição, transforma o *ludus* poético em irônico *ludus* amoroso e, assim, elabora novas versões da história literária, nas quais sua própria poesia constitui o ponto culminante. Desse modo, evidenciaremos como esse procedimento, altamente metapoético, introduz nas obras ovidianas reflexões sobre a natureza da poesia, sua criação e recepção (*ludus* poético; *Heroides*; *Tristia*)

Luana Santana Lins Cerqueira mestrado em andamento (UFMG)

Ludus e metapoesia nas Bucólicas de Virgílio e Calpúrnio Sículo

As *Bucólicas* de Virgílio (séc. I a.C.) e de Calpúrnio Sículo (séc. I d.C.) não raro apresentam pastores que interrompem os labores do campo para repousarem ou para se dedicarem a alguma atividade lúdica: o canto, amebou ou não. Assim, notamos nesses autores certa oposição entre as atividades “sérias” (*mea seria*, *Buc.* VII, 17 de Virgílio) e o gesto de cantar rústicamente (referido às vezes como *ludus*, ou de forma similar). Por outro lado, o componente metapoético tem sido abundantemente destacado nas obras dos bucólicos latinos, com frequência se vinculando ao emprego de termos que, em princípio, teriam relação com meras atividades e objetos do mundo pastoril (SAUNDERS, 2008, p. 117 *et seq.*). Nosso objetivo, nesta apresentação, será examinar as ocorrências dos verbos *ludere* e *alludere*, bem como do substantivo *ludus*, no *corpus* constituído pelas *Buc.* I, VI e VII de Virgílio e IV de Calpúrnio Sículo, buscando determinar em que medida tais palavras se inserem nesses poemas como comentários sobre sua natureza ou sobre o próprio canto bucólico. Outros eventuais dados de ordem metapoética do *corpus* assim definido serão discutidos, em tentativa de integrar a dimensão lúdica da existência dos pastores, ou de outras personagens das *Bucólicas* de Virgílio e Calpúrnio, ao plano geral dos comentários (meta)literários desses autores (bucolismo, *ludus*, metapoesia).

Marcel Bussular Martinuzzo, doutorado em andamento (Ufes)

A Teo(cosmo)gonia de Hesíodo: poesia, mito e filosofia

Nesta comunicação nos propomos a refletir sobre a participação dos mitos e das práticas religiosas nas origens do conhecimento dito racional – filosófico e científico – a partir do contexto helênico. Tomamos por base de nossa discussão a obra do poeta grego Hesíodo, primeiro autor conhecido a sistematizar a mitologia de seu povo, devidamente relacionada com o legado dos filósofos gregos clássicos e pré-socráticos. Vêm ao encontro de nossa reflexão o pensamento de Giambattista Vico e, principalmente, o referencial historiográfico de helenistas como Werner Jaeger e Jean-Pierre Vernant, entre outros (Hesíodo; poesia; filosofia).

Matheus Trevizam, doutorado (UFMG)

Dimensões lúdicas na Ars amatoria de Ovídio: espetáculos, divertimentos e performances galantes

A indagação sobre o tema do *ludus*, ou *ludere*, na *Ars amatoria* de Ovídio franqueia um *corpus* em que passagens afins abundam. Então, se *ludi* eram festivais coletivamente frequentados em Roma antiga e associáveis, inclusive, a performances de teatro, caçadas (*uenationes*) e corridas de carro, disso se encontram no poema traços atinentes aos lugares e eventos a que os galanteadores acorrem. Também vemos os termos latinos *ludus*, *ludere* e afins, no poema, aplicados à própria conduta dos jovens e moças que se movem pelos meandros da vida amorosa. Quanto a tais amantes, trata-se, por um lado, de indivíduos guiados pelas regras e preceitos dessa erotodidáxis ovidiana e, por outro, de jovens que em princípio desejam vivenciar o amor não como experiência de dores e desencontros, ao modo elegíaco, mas, antes, como prazer e “divertimento” (*ludus*). Ainda poderíamos acrescentar, sobre o modo de agir dos protagonistas da *Ars*, que a atuação do próprio *magister amoris* não deixa de apresentar aspectos, também, afins a uma espécie de ambígua “brincadeira” (*ludus*), em que se embaralham as tentativas de, supostamente, instruir e a ilusão, ou engano, dos *discipuli* (ou do público!). Por fim, como parece haver algo de teatral e venatório na conduta dos amantes, conforme moldados no poema, pode-se dizer que eles não só vão aos *ludi* (“festivais”), mas que elementos “lúdicos”, nesse sentido, são de algum modo incorporados à sua atuação galante. O objetivo dessa exposição será perpassar tais dimensões lúdicas da *Ars amatoria* sem, necessariamente, conceder a todas o mesmo aprofundamento.

Natan Henrique Taveira Baptista, doutorado em andamento (Ufes)

Os loci esportivos e bélicos a serviço da geopolítica na épica flaviana do primeiro século (81-96)

Essa comunicação apresentará o projeto de doutorado recém-iniciado no âmbito da linha de pesquisa de representações e ideias políticas, do Programa de Pós-Graduação em História, sob orientação da Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite. Este projeto objetiva propor uma geopolítica da épica através do estudo das fronteiras entre os espaços físicos dedicados à guerra e ao esporte na *Tebaida* de Estácio, analisando a representação desses ambientes na obra literária, em paralelo ao projeto político e reformador do imperador Domiciano. Acreditamos que os estudos desses aspectos podem elucidar a dinâmica do enredo dos Sete contra Tebas ao mesmo tempo em que clarificam os objetivos da ocupação territorial urbana do *princeps* flaviano e de seu programa construtor e reformador da *Vrbs*, durante o Principado. De modo a responder os questionamentos que emergiram do nosso objeto, utilizamos o instrumental teórico referente ao conceito de *representação*, juntamente com a perspectiva de *espaço*, *discurso* e *poder* relacionados às correntes que discutem o *esporte* e a *guerra*. De modo a harmonizar com nossa opção teórica e com nossa documentação, empregamos o exame textual crítico da *Análise de Discurso*, tal como proposta pela escola francesa, por meio das proposições de Charaudeau e Maingueneau (*Geopolítica*; *Domiciano*; *Tebaida*).

Rafael da Costa Campos, doutorado (Unipampa)

Como ser um governante impopular: a relação de Tibério César Augusto com os Ludi Romani durante o seu Principado

Nosso propósito consiste de uma avaliação sobre a postura política do Imperador Tibério César Augusto com relação aos jogos públicos e espetáculos teatrais durante o seu governo. Asseveramos que o seu posicionamento acerca da realização destes eventos contribuiu para a construção de sua impopularidade perante a plebe romana no período em que foi governante, e também contribuiu negativamente para a sua posteridade. Nesse sentido, nos interessa observar o potencial de influência da plebe reunida nesse tipo de espetáculo, mais especificamente os *ludi circenses* e os *ludi scaenici*. As evidências de tipo literário pertencem ao relato feito por Tácito nos *Anais*. Menos do que depreender discussões detalhadas a respeito do anfiteatro romano, da vida cotidiana dos gladiadores, os atores ou elementos estilísticos do

teatro romano, o cerne desse trabalho está na percepção da multiplicidade de significados que esses eventos possuíam para os romanos, e a grande representatividade política dos *ludi* não somente durante o período republicano, e indubitavelmente durante o período imperial.

Rafael de Almeida Semêdo, mestrado em andamento (Usp)

Alcínoo versus Odisseu na corte dos Feácios: um jogo discursivo

Meu objetivo é mostrar que, durante a recepção de Odisseu na corte de Alcínoo (*Odisseia*, VI-VIII), uma tensão sutil se desenrola na interação entre anfitrião e suplicante: enquanto o rei deseja avidamente descobrir a identidade de seu convidado e exibir a glória de seu reino, o herói luta para manter-se anônimo e obter a volta para casa através do favor dos feácios. Defendo que essa tensão se desenvolve num jogo subliminar e elegante, no qual se digladiam o mestre da astúcia, o *polýmetis* Odisseu, e aquele de forte-mente (*alkí-nóos*), o perspicaz Alcínoo, o que conduz a uma investigação sobre o papel da retórica na poesia homérica (Alcínoo; *Odisseia*; retórica).

Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho, doutorado (Ufes)

Traduzindo a poesia clássica latina

Leitura de *Metamorfoses* VIII, 611-724, contendo a história de Filêmon e Báucis, ressaltando os aspectos composicionais do texto, bem como seus elementos formais, levados em conta na tradução para o português. O ideal da prática tradutória que venho realizando é a de traduzir poesia como poesia, isto é, sem mudar a natureza estética do texto na operação de transpô-lo para outro suporte linguístico. Sob esse viés, um campo imenso de prática e reflexão se descortina para os aficionados em poesia clássica.

Thiago Brandão Zardini, doutor (Faculdade Saberes)

O ideal de uir bonus a partir do jogo retórico entre os oradores e os imperadores romanos

As relações políticas no Império Romano, a partir do Principado, passaram a ser manifestas em discursos que gravitavam em torno do *princeps*. Os debates deliberativos da República, verdadeira transposição da disputa física do *agon* grego, deram lugar às declamações poéticas.

A *ars rhetorica* dos tempos imperiais, neste sentido, foi remodelada e passou a atender aos interesses da corte, sendo esta formada pela reunião dos homens mais eloquentes de Roma e das províncias. Muitas transformações políticas ocorreram desde então, mas permaneceu, até o século IV d.C., o interesse dos oradores em enaltecer a os princípios norteadores da retórica nos discursos endereçados aos imperadores. Tal postura pode ser verificada desde Plínio até os panegiristas latinos do século IV d.C., dos quais destacamos Eumênio. Nesta comunicação, analisaremos como a prática da retórica, como *ars* (*tekné*) e formação educacional – atendendo aos moldes ciceronianos do *uir bonus* – foi utilizada pelos oradores para legitimar a posição que ocupavam na corte, num jogo político em que o elogio à própria cultura oratória representava meios de aproximarem-se e tornarem-se mais influentes junto ao imperador (retórica; jogo político; *uir bonus*).

Zilda Andrade Lourenço dos Santos, doutorado em andamento (Ufes)

Construção da imagem do atleta como recurso metafórico em textos da Antiguidade

O uso metafórico da imagem do atleta entre os escritores da Antiguidade era recorrente, sinalizando que esse recurso retórico ocupava um lugar comum, oferecendo condições para diferentes aplicações. Aristóteles (*Top.*, VI, 2. 140a) aponta para a contribuição do uso da metáfora no discurso, identificando o valor da semelhança entre a ideia defendida com a imagem que a própria metáfora fornece. Alexandre Jr. (2005, p. 48) observa que Aristóteles deixa transparecer a ideia de que “o movimento metafórico do conhecido para o desconhecido por meio de uma semelhança entre os dois é a estrutura que subjaz a todo raciocínio humano”. Com base nestas concepções sobre o uso da metáfora no discurso, algumas partes de textos de escritores da Antiguidade são apontadas pelo registro do uso metafórico da imagem do atleta. Platão usa esse recurso na obra *A República*, Aristóteles, no tratado *Ética a Nicômaco*, Quintiliano, no tratado *Institutio Oratoria*, Sêneca, nas *Epistulae Morales* e o Apóstolo Paulo, na *Primeira Epístola aos Coríntios*. A verificação do uso da imagem do atleta em cada texto destes autores apontados é ponto inicial para comparar as características que essa imagem apresenta nos textos delimitados, como corpus de análise. A partir dos dados fornecidos pelos textos, o uso da metáfora retórica é identificado em suas várias aplicações, de acordo com os propósitos argumentativos, e o posicionamento no discurso desses autores observados.